



## A METÁFORA REVOLUÇÃO NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

### THE REVOLUTION METAPHOR IN PAULO FREIRE'S THOUGHT

Rita Pimenta<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-3331-2276>

#### Resumo:

Recorrendo à análise retórica, este artigo, ao fazer uma homenagem a Paulo Freire, pelo seu centenário, defende que a estrutura argumentativa do livro *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam, quando realiza a defesa de uma educação crítica, libertadora e de uma sociedade justa, igualitária, sem exploradores nem explorados, está sustentada na metáfora REVOLUÇÃO. Esta metáfora define o seguinte: “Estudar é um dever revolucionário!”. Partindo desta metáfora, este artigo mostra como ela, ao tempo que “põe diante de nossos olhos” o compromisso moral do estudo com a transformação social, também tem o poder de criar realidades e experiências formativas a favor de uma prática pedagógica que é política e revolucionária.

**Palavras-chave:** estudar; metáfora; Paulo Freire; retórica; revolução.

#### Abstract:

Using rhetorical analysis, this article, in making a tribute to Paulo Freire, for your centenary, argues that the argumentative structure of the book *The importance of the act of reading*: in three articles that complement each other, when it defends a critical, liberating education and a just, egalitarian society, without explorers or exploited, is sustained in the metaphor REVOLUTION. This metaphor defines the following: "Studying is a revolutionary duty!". Starting from this metaphor, this article shows how it, at the time that "puts before our eyes" the moral commitment of the study with social transformation, also has the power to create realities and formative experiences in favor of a pedagogical practice that is political and revolutionary.

**Keywords:** study; metaphor; Paulo Freire; rhetoric; revolution.

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área de Filosofia da Educação. Doutora em Educação Escolar pela Unesp/Araraquara-2009. Mestre em Educação pela UFRJ-2002. Graduada em Filosofia pela UFPI-1997.

## INTRODUÇÃO

Como professora de Filosofia da Educação, um de meus principais anseios é que minhas alunas e meus alunos estudem, vejam-se e se reconheçam profundamente, visceralmente comprometidas (os) com o ato de estudar.

Mas, o que fazer para que este sentimento, movido por uma necessidade tão radical e vital, seja desejado por elas e por eles, aconteça, de fato, em suas trajetórias acadêmicas?

Faz muitos anos que meus esforços têm sido direcionados no sentido de pensar e realizar aquilo que me parece ser o objetivo de minha vida como professora: para que o estudo aconteça, preciso negociar as distâncias que existem entre mim, minhas alunas e meus alunos, e que, a partir disso, surjam possibilidades racionais e afetivas para que conteúdos possam ser ensinados e aprendidos, com o mínimo possível de obstáculos.

Ainda na graduação, ao estudar *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam (1989), travo um encontro que influenciará, definitivamente, minha formação como professora, quando encontro a seguinte proposição: “Estudar é um dever revolucionário!” (FREIRE, 1989, p. 33). A ideia de uma revolução, provocada pelo ato de estudar, acompanhou-me como estudante e me permitiu, como professora, sustentar argumentos a favor do necessário empenho de minhas alunas e meus alunos em relação ao ato de estudar.

Paulo Freire sempre esteve presente para ratificar meus argumentos a favor do ato de estudar. Neste momento, que celebramos o seu centenário, basta dizer que Paulo Freire me fez crer, refletir e transformar em ação, inicialmente como estudante, depois como professora, a proposição “Estudar é um dever revolucionário!” e, com ela, almejar e colocar em ação uma ideia de revolução comprometida, principalmente, com a justiça social.

Depois de mais de 25 anos como professora, e inscrita em um campo de investigação orientado pela análise retórica dos discursos, o qual me permite investigar por quais meios uma argumentação se torna persuasiva, construo este texto, que é o primeiro resultado de uma investigação em processo, cujo objetivo é analisar o *corpus* freiriano, identificando as metáforas que o coordenam.

Neste artigo, mostro o efeito persuasivo da metáfora REVOLUÇÃO<sup>2</sup> no discurso de Paulo Freire, ao analisar o livro *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam (1989). Considerando a noção de revolução, defendo que ela é uma metáfora que coordena a argumentação freiriana a favor de um tipo de educação, uma educação revolucionária.

Em tempos onde, no Brasil, o obscurantismo e suas ações estão em pleno andamento, rompendo com acordos a favor da justiça social, da liberdade, da igualdade, da emancipação humana, e sendo uma pensadora democrática, tenho a obrigação moral, pautada no valor da justiça social, de não deixar esmaecer minhas crenças filosófico-educacionais, as quais podem ser justificadas pelo reconhecimento da luta de mulheres e homens, que gastaram suas vidas a favor da democracia, da liberdade, da autonomia, da esperança, enfim, de valores universais, cujos conteúdos foram moldados e refletidos tendo em vista a dignidade humana.

<sup>2</sup> Sigo a maneira com a qual Lakoff e Johnson (2002) grafam as metáforas conceituais.

Paulo Freire, inegavelmente, foi um destes homens comprometido com esses valores com vistas a pensar e fazer surgir um país diferente deste, que estamos vivenciando, exatamente quando ele completaria cem anos.

Tendo em vista as razões acima apresentadas, este texto está estruturado da seguinte maneira: Inicialmente, apresento algumas palavras sobre a Retórica, considerada, aqui, como uma técnica de análise e construção de discursos. De modo especial, faço referência à metáfora, uma das técnicas de persuasão. Em seguida, identifico a metáfora REVOLUÇÃO no discurso de Paulo Freire, reportando-me ao texto já referido: *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam (1989). Na última seção, exponho as premissas coordenadas pela metáfora REVOLUÇÃO, que compõem o texto em análise, mostrando como elas apoiam e justificam a força persuasiva e pedagógica da referida metáfora no discurso de Paulo Freire.

### **ALGUMAS PALAVRAS SOBRE METÁFORA: A FIGURA MAIS IMPORTANTE DO DISCURSO**

Nossas palavras são armas, escudos, remédios?

O que dizer a respeito das palavras de Paulo Freire? Para a Retórica, aquela que herdamos dos sofistas, sistematizada por Aristóteles, em seu tratado intitulado *Retórica*, retomado, no século passado, por Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1996), a utilização das figuras tem por objetivo facilitar a aceitação de um argumento.

Aristóteles, no seu tratado *Retórica*, afirma que a utilização da metáfora faz com que “o objeto salte para ‘diante dos olhos’”. E mais, “Convém, pois visualizar as coisas mais na sua realização do que na perspectiva de se virem a realizar” (ARISTÓTELES, LIVRO III, 10, 1410b). Assim, uma metáfora traz para diante dos olhos, de quem a ouve ou lê, o objeto da discussão, pondo-o em evidência, em ato. Dispor o objeto diante dos olhos, explica Aristóteles, representa uma ação, movimento, atribui-se vida. Neste sentido, cabe citar o seguinte: “é forçoso que as metáforas provenham de coisas apropriadas, mas não óbvias, tal como na filosofia é o próprio do espírito sagaz estabelecer a semelhança mesmo com entidades muito diferentes”. (ARISTÓTELES, LIVRO III, 11, 1412a).

Para a Retórica, as figuras são recursos de estilo livre, que permitem nos expressarmos de modo simultaneamente livre e codificado. “*Livre*, no sentido de que não somos obrigados a recorrer a ela para comunicar-nos [...]. Codificado, porque cada figura constitui uma estrutura conhecida, repetível e transmissível” (REBOUL, 2000, p.113).

A metáfora é uma figura de sentido que consiste “em empregar um termo (ou vários) com um sentido que não lhe é habitual” (REBOUL, 2000, p.120). Ela é responsável pelo significado das palavras ou dos grupos de palavras e “designa uma coisa com o nome de outra que tenha com ela uma relação de semelhança [...]”. É uma comparação abreviada, “que substitui o *é como* por *é*: *Ela é [bela como] uma rosa*” (REBOUL, 2000, p.122).

A metáfora é muito parecida com a comparação, porém ela é mais concisa por dispensar o uso de conectivos ou de expressões de comparação. Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1996, p.457) concebem a metáfora “como derivada da analogia, e a analogia como cotejo de relações”. Ao considerarem a metáfora como uma analogia condensada, os autores do *Tratado da*

*Argumentação* dizem que é esta a maneira que lhes parece “mais eficaz de lutar, no plano teórico, contra o erro, denunciado com razão por Richards, de considerar a metáfora uma imagem”.

Em síntese, “a metáfora é mais convincente por ser redutora, por traduzir semelhança em identidade; ao dizer *é* em vez de “é como dormir”, ela anula as diferenças [...]” (REBOUL, 2000, p.188). A metáfora é, “por excelência, a figura que fundamenta as estruturas do real” (REBOUL, 2000, p.188).

George Lakoff e Mark Johnson (2002, pp. 47-48, grifos no original), em suas investigações sobre metáfora, afirmam que “A *essência da metáfora é compreender e experimentar uma coisa em termos de outra*”. Eles descobrem que “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.45). E completam: “o modo como pensamos o que experimentamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.46). Dos muitos exemplos da infiltração das metáforas na vida cotidiana, chamamos atenção para a seguinte metáfora conceitual: DISCUSSÃO É GUERRA. O aspecto metafórico desta proposição se constitui a partir das características e ações que a estruturam, por exemplo, alguém pode ganhar ou perder uma discussão. Além disso, criam-se estratégias de ataque e defesa das posições em debate. Ou seja, muitas ações, tendo em vista este exemplo, e o modo como as compreendemos, são estruturadas a partir do conceito de guerra.

A constatação de Lakoff e Johnson (2002, p.207) é que “as metáforas permitem-nos entender um domínio da experiência em termos de outro”. Tomando o exemplo acima, significa dizer que entendemos a experiência da discussão considerando tudo ou quase tudo que estrutura o domínio da guerra. Mais do que um conceito isolado, o da guerra, o que nos faz entender a ideia de discussão é essa aproximação do domínio básico da guerra, no sentido da experiência que ela tende a estruturar. É importante dizer, ainda considerando os estudos de Lakoff e Johnson (2002, p. 259), que as metáforas

[...] podem ter o poder de definir a realidade. Elas o fazem por meio de uma rede coerente de implicações que iluminam alguns aspectos da realidade e ocultam outros. A aceitação da metáfora, que nos obriga a focar *apenas* os aspectos da nossa experiência que ela ilumina, leva-nos a enxergar como *verdadeiras* as implicações da metáfora. Tais “verdades” podem ser verdadeiras, é claro, apenas com relação à realidade definida pela metáfora.

No que concerne à questão da verdade, em relação às metáforas, Lakoff e Johnson acrescentam que o mais importante é considerar a ação apropriada a ser desenvolvida em termos de percepções e inferências que acompanham as metáforas, bem como as ações sancionadas por elas. Ainda segundo esses autores,

[...] definimos nossa realidade em termos de metáforas e então começamos a agir com base nelas. Fazemos inferências, fixamos objetivos, estabelecemos compromissos e executamos planos, tudo na base da estruturação consciente ou inconsciente de nossa experiência por meio de metáforas (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.260).

Finalmente, a respeito do inventário de algumas das descobertas de Lakoff e Johnson (2002, pp. 208-209), quanto ao poder das metáforas para definir realidades, segundo eles, existem conceitos que designam tipos naturais de experiências e exigem uma definição metafórica, pois

não são “suficiente e claramente definidos em seus próprios termos para satisfazer aos nossos propósitos de nosso agir cotidiano”. Dentre estes conceitos estão, por exemplo, AMOR, TEMPO, IDEIAS e MORAL.

Considerando o que acabo de expor, o campo educacional é fértil na produção de metáforas. Não demora muito para trazer à lembrança algumas delas, por exemplo, jardim de infância que, ao ser desdobrada, leva-nos para as seguintes metáforas: o professor é um jardineiro, a criança é uma semente. Além dessas metáforas, relativas a esses sujeitos da escola, também podemos recuperar outras tantas metáforas que coordenam o campo educacional: a (o) professora (o) é um (a) guerreira (o); a (o) professora (o) é uma (o) artista; a (o) professora (o) é um (a) maestro/maestrina; (o) professora (o) é um (a) heroína/ herói; a tão ofensiva metáfora do “aluno-problema”; a escola é uma arena” etc.

Retomando a proposição freiriana, já mencionada acima, *Estudar é um dever revolucionário!*, afirmo que *revolução*, identificada com o *ato de estudar*, é uma metáfora, porque, como sabemos, a palavra *revolução* não é própria do domínio educacional. Ela “provém do vocabulário da astronomia, significando movimento circular completo que um astro realiza ao voltar ao seu ponto de partida”. Assim, uma revolução acontece “quando o movimento total de um astro faz coincidirem seu ponto de partida e seu ponto de chegada. *Revolução* designa movimento circular cíclico, isto é repetição contínua de um mesmo percurso” (CHAUI, 2000, p.404). Portanto, a palavra *revolução* é tomada de um domínio, o astronômico, e levada para outro, o educacional. Historicamente, a palavra *revolução* ganha um significado político, no sentido de expressar profundas alterações sociais, particularmente em relação às classes populares e às suas lutas por igualdade e justiça social.

Assim, ao identificar o *ato de estudar* com um *dever revolucionário*, a metáfora REVOLUÇÃO define uma realidade, aquela do estudo, condicionando-a a uma experiência moral, logo, identificando-a com um *dever*, que é *revolucionário*. Neste sentido, esta metáfora nos permite entender um domínio da experiência, o do *estudo*, com o nome de outro, o da *revolução*.

A metáfora REVOLUÇÃO, no discurso de Paulo Freire, o permite negociar suas teses com o seu auditório, professoras e professores, para que elas e eles possam elaborar seus planos pedagógicos, tendo em vista uma estrutura retórico-argumentativa, elaborada para firmar noções tais como autonomia, esperança, liberdade, conscientização, etc., tão recorrentes no discurso freireano, portanto, norteadoras de suas pedagogia e filosofia da educação, com vistas a mobilizar ações, criar e definir realidades/experiências formativas, baseadas nos desdobramentos que essa metáfora sugere.

## IDENTIFICANDO A METÁFORA REVOLUÇÃO NO DISCURSO FREIREANO

Como disse, minha investigação, a respeito da metáfora REVOLUÇÃO, está centrada no texto *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. No texto em questão, o discurso freireano estabelece relações da biblioteca popular com a alfabetização de adultos e, no último artigo, apresenta a experiência de alfabetização de adultos desenvolvida por Paulo Freire e sua equipe em São Tomé e Príncipe.

Nesta e na próxima seção enfrento duas questões: como a metáfora REVOLUÇÃO apoia o discurso de Paulo Freire? De que maneira esta metáfora coordena sua argumentação e estrutura realidades e experiências formativas?

Inicialmente, preciso dizer que os estudos acerca da metáfora revelam algo que é digno de ser notado a respeito das chamadas metáforas adormecidas. O uso recorrente de muitas metáforas as levou a uma espécie de esvaziamento persuasivo ou familiarização que, de tal modo, o efeito persuasivo dessas metáforas ficou esmaecido. Um exemplo clássico desta perda da plena força persuasiva está na metáfora da LUZ, identificada com a noção de *conhecimento: conhecimento é luz*.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 459), “Um perigo das metáforas é seu desgaste”. A metáfora deixa de ser percebida “como fusão, como união de termos extraídos de áreas diferentes, mas como a aplicação de um vocábulo ao que este designa normalmente; a metáfora, de atuante, tornou-se adormecida”.

Chamo atenção para esta constatação, pois é o que pode suceder quando lemos os trechos de 1 a 6, abaixo em destaque, e, talvez, não fique visível o refinado efeito persuasivo da metáfora REVOLUÇÃO, quando ela aparece vinculada à 1- “*transição revolucionária*”; 2- “*lealdade revolucionária*”; 3- “*linguagem da transição revolucionária*”; 4- “*sociedade revolucionária*”; 5- “*reconstrução revolucionária da sociedade*”; 6- “*tarefa revolucionária*”.

1- “*transição revolucionária*”;

Paulo Freire fala de uma participação consciente na reconstrução da sociedade. Participação que pode acontecer “nos mais diferentes setores da vida nacional e em níveis diferentes, demanda, necessariamente, uma compreensão crítica do momento de *transição revolucionária* em que se acha o país” (FREIRE, 1989, p.23, grifos meus).

2- “*lealdade revolucionária*”;

Em seguida, Paulo Freire (1989, p. 24, grifos meus) chama nossa atenção para um desafio histórico que a transição requer: “de um lado, ao povo de São Tomé e Príncipe, e, de outro, à *lealdade revolucionária* de sua liderança, e eu espero que ambos - o povo e a sua liderança - respondam corretamente a este desafio”.

3- “*linguagem da transição revolucionária*”;

A respeito da luta de libertação, Paulo Freire (1989, p. 38, grifos meus) afirma que a sociedade nova, o homem novo, e a mulher nova, “todas estas eram - e continuam a ser - expressões incorporadas à *linguagem da transição revolucionária*”, e não resultam “de um ato mecânico”.

4- “*sociedade revolucionária*”;

Paulo Freire (1989, p. 43, grifos meus) nos desafia a pensar certo. Ele explica que pensar certo significa chamar para a luta e problematizar, pôr problemas, provocar. Para ele, uma participação consciente pede de nós ação e pensamento. “Exige prática e teoria sempre em unidade”. Pensar certo significa “procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos”. Pensar certo, continua ele, significa “descobrir a razão de ser dos fatos e aprofundar os conhecimentos que a prática nos dá não são um privilégio de alguns, mas um direito que o Povo tem, numa *sociedade revolucionária*”.



##### 5- “reconstrução revolucionária da sociedade”;

Sobre o homem novo e a mulher nova, Paulo Freire (1989, p. 48, grifos meus) argumenta que eles “não aparecem por acaso”. Eles “vão nascendo na prática da *reconstrução revolucionária da sociedade*”. Esta mulher e este homem se comprometerão “com a causa do Povo, com a defesa dos interesses do Povo”. Chamo atenção quando Paulo Freire diz que “A responsabilidade no cumprimento do dever, não importa a tarefa que nos caiba, é um sinal do homem novo e da mulher nova”. Neste sentido, é preciso aprender “a superar o individualismo, o egoísmo” e realizar a “defesa intransigente da nossa autonomia, da liberdade”. Além disso, é preciso criar um senso de solidariedade, “não somente com o nosso Povo, mas também com todos os Povos que lutam pela sua libertação”. Um outro dever desta mulher nova e deste homem novo é participar, “conscientemente, nos esforços da reconstrução nacional”.

##### 6- “tarefa revolucionária”.

Fechando o Caderno, Paulo Freire (1989, p. 49, grifos meus) diz esperar que tenha sido percebida “a importância de pensar sério, de refletir”, que tenha sido percebido que “A nossa *tarefa revolucionária* exige de nós não apenas informar corretamente, mas também formar. Ninguém se forma realmente se não assume responsabilidades no ato de formar-se”. Finalmente, “A preocupação em desafiar os camaradas a pensar, a analisar a realidade”.

Depois de passar por aquilo que estou considerando, possivelmente, como metáforas adormecidas, tendo em vista as razões expostas acima, mas que expressam toda a força argumentativa freiriana, na defesa de uma revolução social, qual foi o meu assombro quando encontro Paulo Freire identificando o ato de estudar com um “*dever revolucionário*”, tal como o encontrei, metaforizado, conforme passo a mostrar.

Paulo Freire (1989, p. 33) faz a defesa do ato de estudar. Para ele, “Não se estuda apenas na escola”. Estudar “é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema”. Estudar é uma “atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos”. Por exemplo, “Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade; se desistimos da leitura quando encontramos a primeira dificuldade”. E mais, se um texto é difícil, “insiste em compreendê-lo”. Colocando o estudo em um lugar de profunda dignidade, Paulo Freire afirma que estudar exige disciplina e, por isso, não é fácil, “porque estudar é criar e recriar é não repetir o que os outros dizem”.

Metaforizando uma atitude, um ato, portanto, uma moral, Paulo Freire (1989, p.33, grifos meus) dá amplo destaque à proposição: “*Estudar é um dever revolucionário!*”. A força desta metáfora reside exatamente no fato de Paulo Freire, primeiro, aproximar e identificar domínios tão distantes, o do estudo com o da revolução e, em seguida, levar-nos a compreender e experimentar uma coisa em termos de outra.

Continuando sua defesa acerca do ato de estudar, Paulo Freire (1989, p. 39, grifos meus) diz que “Estudar para servir ao Povo não é só um direito, mas também um *dever revolucionário*. Vamos estudar!”. Paulo Freire (1989, p. 40) não dissocia a atividade manual da intelectual.

Acredito que, o que equivalia para São Tomé e Príncipe, também podemos imaginar que equivalerá para toda e qualquer sociedade que se queira livre e democrática, onde “ninguém trabalhará para estudar nem ninguém estudará para trabalhar, porque todos estudarão ao trabalhar”.

Paulo Freire (1989, p. 40) diz que não “podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina”, mas o “conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos de ir além dele”, porque precisamos “conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos”. E insiste: “*Estudar é um dever revolucionário!*”.

Finalmente, Paulo Freire (1989, p. 48, grifos meus) ratifica que estudar, “como um *dever revolucionário*”, significa “pensar certo, desenvolver a curiosidade diante da realidade a ser melhor conhecida”, significa “criar e recriar, criticar com justeza e aceitar as críticas construtivas”. Significa, também, “combater as atividades antipopulares”. Todas estas atitudes são características do homem novo e da mulher nova.

Conforme mostrei, recorrendo a Aristóteles, a metáfora coloca diante dos nossos olhos, de quem a ouve ou a lê, o objeto da discussão, pondo-o em evidência, mas, principalmente, em ato. Repito: dispor o objeto diante dos olhos representa uma ação, movimento, atribui-se vida: “é forçoso que as metáforas provenham de coisas apropriadas, mas não óbvias, tal como na filosofia é o próprio do espírito sagaz estabelecer a semelhança mesmo com entidades muito diferentes”. (ARISTÓTELES, LIVRO III, 11, 1412a).

Portanto, Paulo Freire identifica o ato de estudar com um dever revolucionário. A este dever revolucionário se vinculam uma série de práticas, sim, práticas, ações, disposições morais, por isso dizem respeito a um “dever”, cujos propósitos são revolucionários e têm por objetivo provocar uma REVOLUÇÃO no nosso modo de ver o estudo, vinculando-o a um compromisso moral, cujo objetivo não é o de apenas transformar a vida daquela e daquele que estudam, mas, antes, refletir e agir para garantir que o estudo e o que se estuda tenham a função de transformar as relações sociais, rompendo com toda e qualquer estrutura que orienta e sustenta as opressões. Estudar para ser alguém, nesta perspectiva revolucionária, significa ser alguém que se junta com os demais para lutar por uma sociedade justa.

### **AS PREMISSAS COORDENADAS PELA METÁFORA REVOLUÇÃO: SUA FORÇA PERSUASIVA E PEDAGÓGICA**

Compreender a Retórica, como arte da persuasão, significa, por exemplo, compreender algumas de suas funções. Uma delas diz respeito à sua própria definição, isto é, a função persuasiva, que nos move para a seguinte pergunta: por que meios um discurso é persuasivo? Uma outra função é a hermenêutica, que nos lança para a interpretação dos discursos. Nenhum discurso é, como nos lembra Reboul, um acontecimento isolado. Ele, o discurso, sempre se oporá a outros discursos.

A Retórica segue uma lei fundamental: O orador, aquele que fala ou escreve, para persuadir, nunca está sozinho. Ele precisa considerar, sempre, o seu auditório, isto é, para quem ele se dirige. Como orador, Paulo Freire tinha muito claro o objetivo de seu discurso, naquele tempo histórico, quando escreve o texto o qual estou analisando, e, como lúcido estudioso e pensador inquieto, mobiliza-nos para uma ação, rejeitar todo e qualquer tipo de opressão.

Paulo Freire diz que não pode deixar de pensar em São Tomé e Príncipe, porque é a seu contexto que ele se refere. A opressão vivida pelo povo de São Tomé e Príncipe, cuja independência de Portugal se deu a 12 de julho de 1975, infelizmente não foi e não será a última



a ser vivenciada no mundo, logo, seu discurso se destinava àquela situação particular, como, também, destina-se a outras realidades opressoras.

A função persuasiva, elaborada ao longo de todo o texto, reforça aquela que nos parece ser a metáfora que coordena todo o discurso de Paulo Freire: “Estudar é um dever revolucionário!” Assim, a metáfora REVOLUÇÃO coordena um conjunto de proposições que ratificam, corroboram aquilo que é, para Paulo Freire, revolucionário. Paulo Freire fala para um auditório que compreende a prática pedagógica como uma prática política.

Uma prática pedagógica se constitui como uma prática política quando exige que leiamos o mundo realizando esforços para romper com o adestramento, com a mecanização de nossos atos. Esta mesma prática é capaz de reconhecer, por exemplo, que a qualidade de um texto não reside na quantidade de páginas escritas: “um dos documentos filosóficos mais importantes de que dispomos, *Teses sobre Feuerbach*, de Marx, tem apenas duas páginas e meia” (FREIRE, 1989, p.12).

Como mostrei, na primeira seção deste artigo, a metáfora tem por objetivo facilitar a aceitação de um argumento; faz com que um objeto salte para ‘diante dos olhos’; permite visualizar as coisas na perspectiva de sua realização, pondo-as em evidência; representa uma ação, movimento; é uma figura de sentido, porque emprega um termo (ou vários) com um sentido que não lhe é habitual; sua essência é compreender e experimentar uma coisa em termos de outra; expressa os modos como pensamos, o que experimentamos e o que fazemos; permite entender um domínio da experiência em termos de outro; tem o poder de definir a realidade, pois lança luz sobre alguns aspectos da realidade e oculta outros, leva-nos a realizar inferências, fixar objetivos, estabelecer compromissos, executar planos e nos auxilia a compreender conceitos, que fazem parte de nossa experiência, os quais não temos uma clara e suficiente definição que satisfaça nossos propósitos em relação ao modo como devemos agir com eles.

Considerando a noção de *estudar*, tal como Paulo Freire luta para nos fazer entender sua relação com um tipo de ser humano e um tipo de sociedade, a serem politicamente constituídos, parece-me que a metáfora REVOLUÇÃO é, em suas perspectivas filosófica e pedagógica, a que mais “põe diante dos nossos olhos” e, por isso, leva-nos a inferir uma realidade e uma experiência de ser humano e de sociedade a serem desejadas e criadas.

Retomando *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam, o que se segue é a argumentação de Paulo Freire, resultado do desdobramento da metáfora REVOLUÇÃO quando, ao ser utilizada, persuade-nos a aceitar sua argumentação, fazendo saltar diante dos nossos olhos a perspectiva de realização de um outro tipo de sociedade, diferente desta a qual estamos experimentando, exatamente agora. Além disso, põe em evidência a necessidade de compreendermos e desejarmos experimentar um outro tipo de educação e de realidade educativa que não aceitam a nefasta relação explorador-explorado e, fundamentalmente, leva-nos a estabelecer compromissos e executar planos amparados por um tipo de moral, de *dever revolucionário*, identificado com o ato de estudar, que se constituirá, portanto, como um *ethos* pedagógico e filosófico, o qual podemos discernir conforme as passagens onde Paulo Freire, recorrendo à metáfora REVOLUÇÃO, desenvolve sua argumentação, chamando atenção para o caráter revolucionário das realidades e experiências formativas, conforme passo a mostrar:

- *Estudar é um dever revolucionário* quando reconhecemos o dever que, como educadores e educandos temos “de ler, sempre e seriamente, os clássicos neste ou naquele campo do saber, de nos adentrarmos nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes” (FREIRE, 1989, p. 12).

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque, conforme Paulo Freire, é “um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador” (FREIRE, 1989, p. 13).

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque nos leva a enxergar que, ao ler o mundo, podemos transformá-lo, agindo de modo consciente, porque nos coloca em uma “inquieta procura” (FREIRE, 1989, p. 11), porque permite “a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo” (FREIRE, 1989, p. 13), porque rejeita pensar ou repensar “o puro conceito, desligado do concreto” (FREIRE, 1989, p. 22), porque nos ensina que “Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado” (FREIRE, 1989, p. 24). Porque nos leva a entender as dificuldades econômicas, sociais e culturais a serem enfrentadas, no processo contínuo de nossa libertação. Porque lida com “informação formadora e não sloganizante, domesticadora”, sobre os problemas relativos ao nosso destino, no lugar que vivemos.

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque nos tornamos “sujeitos observadores” (FREIRE, 1989, p. 25), curiosos e críticos de nossa realidade e nos dá o distanciamento necessário para conhecê-lo.

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque nos coloca na “posição de quem se indaga constantemente em torno da própria prática, em torno da razão de ser dos fatos em que se acha envolvido” (FREIRE, 1989, pp. 25-26).

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque “o importante é aprender também a pensar certo. Para pensar certo devemos pensar sobre a nossa prática no trabalho” (FREIRE, 1989, p. p. 32). Além disso, considerando esta realidade, a prática pedagógica é sempre uma prática política.

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque nos faz compreender o que é a exploração e desejar a independência. Também nos permite “Compreender melhor a nossa luta para criar uma sociedade justa, sem exploradores nem explorados, uma sociedade de trabalhadores e trabalhadoras” (FREIRE, 1989, p. 32).

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque combate, “por exemplo, a posição ideológica, por isso mesmo nem sempre explicitada, de que só se estuda na escola” (FREIRE, 1989, p. 33).

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque, segundo Paulo Freire (1989, p. 34), tem um “caráter social e não apenas individual” e, “No fundo, o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem”.

É necessário salientar, também, que esta curiosidade séria frente a um determinado objeto, ser ou fato em observação, exige que compreendamos o objeto para além de sua aparência, isto significa procurar a razão de ser do objeto ou do fato.

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque nos põe no esforço de pensar e fazer surgir “uma sociedade nova, sem explorados nem exploradores” (FREIRE, 1989, p. 35).

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque faz com que recuperemos a significação profunda das noções ameaçadas pelo acriticismo dos clichês e slogans.

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque nos leva a compreender que “É trabalhando que os homens e as mulheres transformam o mundo e, transformando o mundo, se transformam também” (FREIRE, 1989, p. 36). Não é de qualquer tipo de trabalho que Paulo Freire fala, mas do trabalho livre. “Só o trabalho livre nos dá valor. Só o trabalho com o qual estamos contribuindo para a criação de uma sociedade justa, sem exploradores nem explorados, nos dignifica” (FREIRE, 1989, p. 37), iguala-nos, porque colaboramos uns com os outros.

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque nos ensina a não “parar ao primeiro obstáculo que encontrarmos” (FREIRE, 1989, p. 43).

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque, conforme aprendemos com Paulo Freire (1989, p. 47), “Não é possível praticar sem avaliar a prática. (...) A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões” (FREIRE, 1989, p. 47). E, com uma analogia, arremata: “A prática precisa da avaliação como os peixes precisam de água e a lavoura da chuva”.

- *Estudar é um dever revolucionário*, porque também nos ensina que a prática exige planejamento, que significa “ter uma ideia clara dos objetivos que queremos alcançar com ela. Significa ter um conhecimento das condições em que vamos atuar, dos instrumentos e dos meios de que dispomos. Planejar a prática significa também saber com quem contamos para executá-la” e “as nossas reais possibilidades” (FREIRE, 1989, p. 47).

E, em uma síntese que chama a atenção para a necessidade de se criar realidades e experiências formativas, Paulo Freire (1989, p. 48) nos ensina que *Estudar é um dever revolucionário*, porque nos faz entender que a educação das crianças, dos jovens e dos adultos é fundamental “para a formação do homem novo e da mulher nova. Ela tem de ser uma educação nova também, que estamos procurando pôr em prática de acordo com as nossas possibilidades”. Uma educação “que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade”. Uma educação política, “tão política quanto qualquer outra educação, mas que não tenta passar por neutra. Ao proclamar que não é neutra, que a neutralidade é impossível, afirma que a sua política é a dos interesses do nosso Povo”.

Esta educação política revolucionária foi e continua a ser defendida por Paulo Freire (1996, p. 113), ao longo de sua vida. Lembro que, em seu último livro, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, o *ethos* revolucionário que identifiquei e mostrei, ao longo deste artigo, é mantido em seu pleno vigor combativo quando o Patrono da Educação Brasileira afirma, com toda força, recorrendo a contundentes metáforas, que não será “conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-a por sua malvadez, ao atribuir a ‘forças cegas’ e imponderáveis os danos por elas causados aos seres humanos”. Paulo Freire fala da fome, aquela “frente a frente abastança e o desemprego no mundo são imoralidades e não fatalidades como o reacionarismo apregoa com ares de quem sofre por nada poder fazer” (FREIRE, 1996, p. 113). Repete, com força, “que nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso as maiorias compostas de minorias

que não perceberam ainda que juntas seriam a maioria” (FREIRE, 1996, p. 113). Diz que nem, o avanço da ciência, muito menos os avanços tecnológicos podem “legitimar uma “ordem” desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto às maiorias em dificuldades até para sobreviver se diz que a realidade é assim mesmo” (FREIRE, 1996, p. 113). Para ele, a fome não é uma fatalidade do fim do século. Ele não junta sua voz “à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação” (FREIRE, 1996, p. 113). Argumenta, como fez ao longo de sua vida, a favor da “[...] da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas” (FREIRE, 1996, p. 113-114) e defendeu, como mostrei neste artigo, que o ato de estudar é um dever revolucionário, que nos move para um compromisso, o de lutarmos por uma sociedade justa, igualitária, livre e democrática.

## CONCLUSÕES

Este texto reverencia o que Paulo Freire foi e continua sendo, não apenas para o Brasil, mas também para o mundo, o educador e filósofo que nos ensinou não apenas desejar uma educação como prática da liberdade, como, também, lutar para que este tipo de educação se realize e, ao se realizar, faça surgir um novo ser humano e uma nova sociedade.

Neste artigo, disse que muito tem mobilizado minha *práxis* um compromisso pedagógico-filosófico: que as (os) estudantes com as (os) quais convivo, vejam-se conscientemente envolvidas (os) com o ato de estudar. A meu ver, este compromisso está intimamente relacionado com um propósito social: fazer surgir uma sociedade justa e democrática.

Neste artigo, meu esforço foi mostrar o efeito persuasivo da metáfora REVOLUÇÃO, quando ela aparece na seguinte proposição: “Estudar é um dever revolucionário!” (FREIRE, 1989, p. 33), no livro *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. Defendi que esta metáfora coordena a argumentação freiriana a favor de um tipo de educação, uma educação revolucionária.

Inscrita nos campos de investigações da Retórica, da Teoria da Argumentação e nos estudos sobre metáfora, identifiquei que Paulo Freire metaforiza *o ato de estudar*, ao estabelecer mais que uma semelhança, uma identidade deste ato com um *dever*, uma conduta, que é, para ele, *revolucionária*.

REVOLUÇÃO, como expliquei, é uma palavra própria do domínio astronômico, que significa movimento circular completo de um astro e, ao ser transportada para o campo educacional, segue como uma metáfora, cujo significado é o de profunda transformação social.

Procurei mostrar e defender que ao metaforizar o ato de estudar, especialmente vinculando-o a um dever, portanto, a uma questão moral, Paulo Freire expande o efeito persuasivo da metáfora REVOLUÇÃO, pondo sob uma nova luz o modo como nós, professoras, professores, estudantes, a escola e a nossa sociedade, esta que, hoje, vê ruir acordos a favor da justiça social, da democracia e da dignidade humana, devem refletir e agir, comprometidos com a conscientização e emancipação de todas e todos.

Como pensador de profunda magnitude, Paulo Freire, com sua argumentação, apoiada na metáfora REVOLUÇÃO, mobiliza nossas reflexões e práticas em favor da construção de uma

educação que não abre mão, não se afasta de se reconhecer como política. O discurso freiriano, conforme o analisei, cria e define realidades/experiências formativas baseadas nos desdobramentos que a metáfora REVOLUÇÃO sugere, chamando atenção, portanto, para o caráter revolucionário do ato de estudar.

A este dever, que é revolucionário, vinculam-se disposições morais, por isso dizem respeito a um “dever”, cujos propósitos são provocar uma revolução que se manifesta nas relações educacionais e será transportada para os demais espaços sociais. A metáfora REVOLUÇÃO coordena, no discurso de Paulo Freire, proposições que ratificam, corroboram aquilo que é, para ele, revolucionário. Põe diante dos nossos olhos e faz surgir em nós a vontade política de não nos conformarmos com uma sociedade estruturada nas relações de exclusão e exploração.

A metáfora REVOLUÇÃO, observada e identificada neste artigo, põe-nos em ação, objetivo que compõe o efeito persuasivo de uma argumentação, aquela que nos leva a estabelecer compromissos e executar planos amparados por um tipo de moral, no caso do discurso de Paulo Freire, de natureza revolucionária.

Como professora, defendo que *Estudar é um dever revolucionário*, porque diz respeito à criação de um *ethos* pedagógico, filosófico e político que nos compromete a reconhecer que somos sujeitos observadores, curiosos e críticos de nossa realidade. Leva-nos a indagar, constantemente, sobre nossa realidade e nossas práticas, para compreender melhor nossa luta, a favor da criação de uma sociedade justa, sem exploradores nem explorados e desperta a defesa de uma educação orientada por um princípio moral: total rejeição a todo e qualquer tipo de opressão. Movida por este *ethos*, tenho assegurado, sempre: “Estudar é um dever revolucionário!” (FREIRE, 1989, p. 33).

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Estudos Gerais série Universitária - Clássicos da Filosofia, Lisboa – Portugal, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Educ, 2002.
- PERELMAN, Chaïm, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão g. Pereira. São Paulo: Martins fontes, 1996.
- REBOUL. Olivier. **Introdução à Retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.